

# Hidratados pelo cerrado, refrescados pela Amazônia

» YURI SALMONA  
Doutor em ciências florestais e diretor do Instituto Cerrados

Estamos momentaneamente aliviados com a diminuição das temperaturas que as chuvas recentes trouxeram. Comemoramos isso porque temos memórias nada frescas acerca do período de intenso calor que antecedeu essas chuvas, com recordes de temperaturas em diferentes regiões do Centro-Oeste. Sentimos isso sem necessariamente fazer grandes reflexões sobre a escala e a complexidade do que envolve esse “calorão”.

O que nem todos têm completa ciência é que as chuvas na região do Cerrado estão atrasando mais de 56 dias em média. Essa chuva que veio no fim de novembro vinha, habitualmente, em setembro. A temperatura de semanas atrás é cerca de 2°C acima da média, e o registro médio no nosso bioma aumentou em 1°C. Esses fatos dialogam com as tão faladas mudanças climáticas, que, como podemos sentir, estão fortemente materializadas no nosso dia a dia.

Esses elementos dialogam com outras notícias. Você deve ter na memória recente a grande seca de rios amazônicos (Negro, Solimões, Purus e Madeira) no mês passado, que ainda perdura. Trata-se de uma situação grave e nunca antes registrada com tal intensidade. Esse fato se relaciona com o aquecimento das águas do Pacífico Sul, o El Niño, e também com o aquecimento das águas do Atlântico — ambos fenômenos intensificados pelas mudanças climáticas, provocadas por ações humanas que geram a emissão de gases do efeito estufa.

Agora, em dezembro, acontecerá em Dubai, nos Emirados Árabes, a Conferência das Partes Sobre Mudanças Climáticas (COP28), onde líderes mundiais vão debater alternativas e encaminhamentos para enfrentar esses desafios — como os que você sentiu na pele nos últimos dias. Um momento muito oportuno para refletirmos sobre a conexão entre a realidade e as políticas públicas.

Como noticiado pelos veículos da imprensa, o desmatamento na Amazônia vem caindo desde a implementação do Plano de Combate ao Desmatamento da Amazônia (PPCDAm). Em contrapartida, o desmatamento do Cerrado vem aumentando. Já se vão cinco anos de aumento, e, no último mês, o número foi de 149% a mais, em



G O M E Z

comparação a outubro de 2022. Em breve, o governo federal lançará o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Bioma Cerrado (PPCerrado), e, com ele, a responsabilidade de reverter essa trágica tendência.

A pertinência da reflexão brota do fato que os ecossistemas interagem entre si e não respeitam limites de políticas públicas, como é o caso do binômio Cerrado-Amazônia. A chuva que cai no Cerrado, que caiu em Brasília e nos refrescou recentemente, é a umidade da Amazônia que viajou pelos chamados rios voadores. Esse fenômeno, por sua vez, depende de uma série de aspectos — entre eles, a preservação da Amazônia, para que ela possa evapotranspirar e essa umidade seja levada, via Massa Equatorial Continental (mEc), para a região do Centro-Oeste e para o Cerrado brasileiro.

Essa é uma relação, no mínimo, de mão dupla, pois mais de 3.427 nascentes do Cerrado drenam para dentro do bioma amazônico. Além disso, o Cerrado hidrata cerca de 40% da população brasileira, distribuindo água especialmente pelas bacias do Paraná,

Tocantins e São Francisco, entre outras. Portanto, o que acontece na Amazônia implica no Cerrado, e o que ocorre no Cerrado implica na Amazônia: são biomas irmãos. Não há o que se falar na proteção da Amazônia sem se falar na proteção do Cerrado, e vice-versa: são como a perna esquerda e direita de um mesmo corpo.

No entanto, as mídias nacional e internacional têm dado espaço para a divulgação das questões amazônicas como se a Amazônia fosse uma ilha. Porém, os fenômenos e ciclos naturais, tais como as mudanças climáticas e o ciclo hidrológico, contrariam essa narrativa e nos obrigam a olhar para a realidade como ela é. O Cerrado e a Amazônia estão conectados pela água e pelas pessoas que vivem e trabalham conservando a maior biodiversidade do planeta.

Esperamos que essa mensagem chegue aos tomadores de decisão da COP28, em especial do governo brasileiro, para que incorporem o Cerrado nas políticas públicas em uma escala de ambição proporcional à importância do bioma. Sem o Cerrado, não ficam de pé nem a Amazônia nem o Brasil.

## Bancada Negra no parlamento: retrato do povo brasileiro

» DAMIÃO FELICIANO  
Deputado federal (União-PB) e coordenador da Bancada Negra

A composição da Bancada Negra da Câmara dos Deputados vai do PT ao PL, do União ao Psol. Há o retrato do povo brasileiro na instância criada oficialmente no começo de novembro, com a aprovação em plenário do Projeto de Resolução (PRC) 116/23.

A bancada representa os 122 deputados e deputadas federais que se autodeclararam pretos ou pardos na última eleição. Eu, Damião Feliciano, tenho a honra de ter sido escolhido como coordenador-geral, tendo como colegas, na 1ª vice-coordenadoria, Talíria Petrone (Psol-RJ), na 2ª vice-coordenadoria, Benedita da Silva (PT-RJ), e na terceira, Sílvia Cristina (PL-RO).

Institucionalmente, temos direito de votar na reunião de líderes, quando o presidente da Câmara define a pauta de votações. Também poderemos falar em plenário semanalmente, por cinco minutos, para expressar a posição dos nossos integrantes.

Teremos voz e voto como um grupo. E dali, produzir soluções. Embora essa seja uma instância nova, representa décadas de luta dentro e fora do parlamento. Nesse sentido, existe muita gente que veio antes e proporcionou que pudéssemos chegar a essa vitória.

Nessa luta, cada um, cada uma, tem o seu papel — seja na militância negra, que exerce um papel muito importante; seja no Poder Executivo, com o fortalecimento do Ministério da Igualdade Racial; seja por meio das organizações da sociedade civil. Sem contar a resistência, as estratégias de sobrevivência

e as tecnologias ancestrais do povo negro desde o período da escravidão até aqui.

Nesse contexto, a Bancada Negra parlamentar vem somar, tendo papéis muito específicos: político, parlamentar e institucional. Primeiro, nós temos que, com todas as forças sociais, avaliar quais são as medidas que estão em tramitação no parlamento que podem, nos inúmeros projetos, de maneira transversal, significar a voz e as demandas históricas da população negra brasileira, contando com o fato de termos o deputado Arthur Lira como presidente da Casa, uma pessoa com sensibilidade social e coragem que, de forma aguerrida, permitiu que essa lacuna fosse preenchida na Câmara Federal.

Portanto, temos que aproveitar essa janela de oportunidade para colocar em prática avanços institucionais e legais a partir de temas que possamos discutir, articular e promover por meio do trabalho da bancada — seja em nível de regulação governamental ou de solução legal para alcançar avanços institucionais importantes para o povo negro, com vistas à melhoria da qualidade de vida, dos índices e estatísticas desfavoráveis em âmbitos como saúde, educação, segurança pública e moradia.

Sabemos que é necessário evitar ou coibir injustiças que continuam acontecendo. Então, o primeiro objetivo da Bancada Negra é fazer articulação política dentro do Parlamento levantando todos os temas que existem nas agendas do Judiciário, Executivo e Legislativo para que possamos, com uma visão muito objetiva, cumprir com o objetivo de fomentar a justiça.

A bancada faz parte de um momento e de um resgate histórico. É tempo de refletir sobre o que temos para fazer, o tempo e a urgência de cada uma dessas coisas, eleger prioridades e trabalhar. Sentimos que é hora de ouvir, entender, dialogar a partir do lugar de uma instância nova, uma bancada que se distingue pela questão racial, sendo, portanto, algo que nunca houve no Brasil.

Chegamos reverenciando quem veio antes, mas com a grande responsabilidade de abrir caminho para aqueles que vêm depois, não permitindo que haja retrocessos no percurso. Admitindo os atrasos e os estragos causados pelo racismo estrutural que permeia as relações sociais, culturais e econômicas no nosso país, precisamos nos perguntar não apenas o que é mais importante, mas aquilo que é mais rápido e eficaz para ser feito dentro da política, dentro do Parlamento.

A verdade é que pretendemos fazer aquilo que é possível. E o possível é muito importante porque, se nós temos algo que é possível fazer e não está sendo feito, devemos fazê-lo. E serão esses avanços institucionais de fazer o que não foi feito ainda e impedir repetições e retrocessos o nosso foco.

Queremos que a população brasileira, sobretudo os 56% de pretos e pardos, nos cobre transformações. Queremos resultado, e o que vamos fazer é uma política de transformação, de resgate da história e de justiça para a população negra e parda. Nós temos esse compromisso.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## O estrangeiro

Repetia o filósofo de Mondubim que a diferença entre o remédio e o veneno está apenas na quantidade. Infelizmente, o mundo moderno parece ter perdido essa e outras receitas, mergulhado que está num mar de excessos, vivendo numa espécie de abundância e exageros que fogem totalmente do que seja racionalidade.

O consumismo, que seria um fenômeno possibilitado pelo capitalismo, surge como antítese da bonança, colocando em risco a existência do próprio homem. O problema é que o consumo não se restringe apenas a bens materiais, estendendo-se muito além dos desejos humanos.

O turismo, tal qual ele se desenvolve hoje em todo o mundo, parece ter rompido, definitivamente, as barreiras do que se pode considerar aceitável e positivo, transformando muitos países e regiões do planeta em lugares expostos a um grande e contínuo fluxo de visitantes, uma horda de estrangeiros que muitas vezes supera o número de habitantes locais.

Com isso, o cotidiano dos habitantes dessas áreas é radicalmente alterado, transformando cada dia dos moradores locais num verdadeiro inferno, em que tudo passa a ser disputado. Fenômeno idêntico, e talvez com maiores repercussões negativas, vem ocorrendo no caso particular do grande e crescente fluxo de imigrantes. Quer queira, quer não, o imigrante adulto traz, de seu país de origem, toda a bagagem cultural que adquiriu ao longo da vida. Isso faz com que ele não se deixe integrar com facilidade aos costumes locais do novo lar. E isso é um problema que vem se agravando nos últimos anos, gerando conflitos que, muitas vezes, acabam resultando em mortes.

De certo modo, as previsões para os países que mais recebem populações de imigrantes não são boas. O aumento dos conflitos armados no terceiro mundo e as alterações bruscas trazidas pelo efeito estufa ao meio ambiente em todo o mundo têm forçado, cada vez mais, o deslocamento de populações inteiras pelo planeta. Os conflitos étnicos se espalham por toda parte. Na mesma direção, aumentam os casos de racismo e, principalmente, de xenofobia.

Relatos de intolerância contra os estrangeiros se multiplicam. Caso emblemático, para ficar apenas na geografia dos países de língua portuguesa, tem chamado a atenção os casos de intolerância dos nativos de Portugal contra a imigração dos brasileiros que lá se estabeleceram. O que, à primeira vista, poderia parecer um ganho para a terra lusa, uma vez que o envelhecimento daquela população e a queda acentuada de natalidade vinham provocando um sério esvaziamento populacional de Portugal. Aldeias inteiras, à semelhança do que ocorre também na Espanha e na Itália, estão sem moradores. Mas, ainda assim, as populações desses países estão, cada vez mais, insatisfeitas com o fluxo imigratório.

No caso de Portugal, segundo pesquisa e depoimentos de brasileiros residentes lá, a xenofobia cresceu nos últimos anos mais de 830%, o que é um percentual altíssimo, e que não deixa de surpreender, uma vez que muitos brasileiros têm a noção de que a terrinha distante é um lugar acolhedor para aqueles que falam o mesmo idioma e têm pontos históricos coincidentes. Nada mais enganoso.

Em lugares como Lisboa e Porto, os casos de maus tratos aos brasileiros se sucedem. Estima-se que mais de 400 mil brasileiros vivam hoje naquele país, o que perfaz cerca de menos de 8% da população lusa. Na verdade, a presença de brasileiros em solo português é, para os locais, cada vez mais incômoda.

Também a noção histórica distorcida e passada aos portugueses, desde os primeiros anos de ensino, tem mostrado que a colonização foi excepcionalmente benéfica aos brasileiros, sendo os colonizadores formados por pessoas do mais alto grau de humanismo, todos eles devotados ao bem-estar das populações submetidas. Também os livros de história de Portugal mostram aquele país como uma nação muito superior à brasileira. Nada mais falso do que isso. Essa pretensão superioridade racial, repassada de geração em geração, faz com que os portugueses se sintam na condição de humilhar os brasileiros que lá estão, com piadas xenófobas e mesmo discursos diretos do tipo: “Fora brazucas”, “Vão para sua terra”, “Não queremos vocês aqui”.

Essas e outras ofensas são ditas com frequência e mesmo pichadas nos muros das casas dos imigrantes. Brasileiros, com descendência portuguesa e que procuram a embaixada em Portugal e os consulados espalhados pelo país, em busca de cidadania, vão na ilusão de que, em Portugal, serão bem recebidos por todos, afinal são dois países irmãos. Assim que chegam a Portugal, ficam sabendo que a coisa não é bem assim. São maltratados desde o desembarque. Na condição de estrangeiros, não são bem-vistos em parte alguma daquele país. Por mais que se esforcem, ficarão sempre na condição de estrangeiros, apartados do convívio dos nativos, xingados e até expulsos de muitos lugares.

Os portugueses têm a falsa noção de que estão trabalhando para sustentar os imigrantes idos do Brasil. Em 2020, os brasileiros contribuíram com mais de 350 milhões de euros para a segurança social portuguesa. Em 2021, esse número saltou para mais de 414 milhões de euros. Ou seja, dinheiro pago ao sistema de apoio aos trabalhadores imigrantes e que inclui também os portugueses. A questão toda está no dilema vivido hoje por uma multidão de brasileiros que ruma para Portugal: ou ser cidadão de segunda e terceira classe em um Brasil dominado pelo ódio de uma esquerda míope, ou ser eternamente estrangeiro e escorraçado além-mar, tratado como perigoso, por uma malta de saloios iletrados, que acreditam ser cosmopolitas.

### » A frase que foi pronunciada

“Dino leva mais seguranças à Câmara do que à favela da Maré.”

Deputado Capitão Alden (PL-BA)

### » História de Brasília

O deputado Martins Rodrigues, líder da maioria, tem notado que, ao contrário do que ocorre comumente, seus amigos o procuram mais de manhã cedinho, à hora do café, e não à noite, para um uísque e conversa política. (Publicada em 27/3/1962)